



**A BASE DO CONCEITO DE ESCRAVIDÃO NA
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: ERIC WILLIAMS E
SUA OBRA SEMINAL *CAPITALISMO E ESCRAVIDÃO***

**THE BASIS OF THE CONCEPT OF SLAVERY IN THE
BRAZILIAN HISTORIOGRAPHY: ERIC WILLIAMS AND
HIS SEMINAL WORK *CAPITALISM AND SLAVERY***

André Cabral Honor*

Universidade Federal de Brasília – UnB

cabral.historia@gmail.com

No dia 22 de Março de 1998 foi inaugurado na University of West Indies, localizada na cidade de Saint Augustine, República de Trinidad e Tobago, um centro de estudos intitulado *The Eric Williams Memorial Collection*. Destinado também a ser um memorial, o centro guarda objetos e materiais de pesquisa do historiador e ex-primeiro-ministro de Trinidad e Tobago, Eric Williams.

Como o próprio homenageado provavelmente diria, há uma questão política por trás da fundação deste memorial, afinal, ele foi um dos ativistas da independência e proclamação da república de Trinidad e Tobago (1962 e 1976 respectivamente), além de ter ocupado importantes cargos à frente do governo de seu país desde 1956 quando criou o partido *People's National Movement*, até sua morte em 1981.¹ Apesar das motivações políticas, não há porque diminuir a importância do memorial na preservação e continuidade do autor que mudou os rumos da historiografia sobre a escravidão ao

* Doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Universidade Federal de Brasília – UnB.

¹ As presentes informações biográficas estão disponíveis nos sítios eletrônicos: **Eric Williams – Memorial Collection**. <http://www.mainlib.uwi.tt/divisions/wi/collsp/ericwilliams/ericwilliams.htm>; **The Eric Williams – Memorial Collection**. <http://www.mainlib.uwi.tt/divisions/wi/collsp/ericwilliams/brochures/brochure1.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012.

falar sobre o colonialismo britânico em sua obra **Capitalism and Slavery** (1944), traduzida para o português pela primeira vez em 1975 sob o título **Capitalismo e Escravidão** e reeditada em 2012 pela Companhia das Letras.

Escrito durante a Segunda Guerra Mundial, conflito cuja origem está na disputa de mercados no final do século XIX e que marcaria o início do fim do Império Colonial Britânico, o livro de Eric Williams se apresenta como um manifesto contra a política colonialista mercantil, cuja crítica respingava na então política colonial inglesa. Apesar de não fazer uso do conceito de luta de classes, o trabalho é tributário dos estudos economicistas marxistas pois utiliza noções de infra-estrutura e superestrutura.

Fundamental para defender seu ponto de vista – de que a abolição do tráfico negreiro e a emancipação dos escravos atendeu a interesses puramente econômicos – Eric Williams se apropria de uma visão economicista da História, em que a infra-estrutura, ou base econômica, determina a superestrutura, que consiste nas esferas sociais, culturais, políticas, ideológicas, etc.

Com formação pela Universidade de Oxford e passagem pela Howard University nos Estados Unidos, o autor recorre constantemente a Adam Smith, por vezes discordando,² para embasar sua tese principal de preponderância da infra-estrutura sobre a superestrutura. De acordo com o prefaciador da edição em português de 1975 D. W. Brogan:

A infra-estrutura é mais importante do que a superestrutura, a base econômica mais importante do que as ideologias. Isso não quer dizer que a ideologia não têm valor ou que todos os homens são venais. Ele [Eric Williams] cita o exemplo da família Rathbone, de Liverpool, um contraste com os grandes negociantes menos escrupulosos. Mas a lição deste livro é enrelegante, embora não nova. ‘Onde estiver seu tesouro, aí estará também seu coração’.³

Um dos problemas a ser questionado pelo autor é a ideia de que a escravidão se justificava por causa de doutrinas raciais. De acordo com Eric Williams, essas doutrinas foram uma invenção do século XIX no intuito de justificar a existência de mais de trezentos anos de tráfico e escravidão de mão-de-obra oriunda da África. “A escravidão

² Por exemplo, de acordo com Adam Smith a prosperidade de uma nova colônia depende da abundância de terras disponíveis. Para contrastar essa proposição, Eric Williams relembra o caso da Austrália, em que o excesso terras fez com que os trabalhadores preferissem “trabalhar por conta própria, como pequenos sítiantes, em vez de ser assalariados do capitalista”. Cf. WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p. 31.

³ BROGAN, D. W. Prefácio. In: WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão**. Tradução de Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1975, p. 5-6.

não nasceu do racismo: ao contrário o racismo foi uma consequência da escravidão.”⁴ O autor, nessa primeira proposição, levanta a tese de que a substituição da mão-de-obra indígena e branca pela africana não aconteceu somente devido aos interesses do lucrativo tráfico, atividade em ascensão a partir do século XVI, mas também pelo fator da inesgotabilidade do africano como ponto importante na substituição da mão-de-obra indígena pela negra.

Para corroborar com seu argumento, Eric Williams defende que a escravidão não era uma escolha e sim a única opção. Não havia mão-de-obra disponível suficiente capaz de suprir as necessidades das colônias. O envio de degredados para o novo mundo, assim como a utilização dos autóctones da América — e neste ponto Williams expõe a ideia, posteriormente bastante debatida, de que os índios não se adaptavam ao trabalho na lavoura — não eram suficientes para saciar a demanda. Daí o porquê das colônias recorrerem ao trabalho do negro africano escravizando-o.

Para o autor, o que realmente movia o sistema à escravidão era a sua adequação aos interesses mercantilistas da época. Na sua abordagem, Eric Williams desconsidera o papel de uma discriminação racial contra os negros africanos, e talvez essa seja a maior incoerência de sua tese. É preciso colocar que até mesmo no século XVI havia um sentimento velado de racismo na escravidão negra. Isso é perceptível quando se coloca frente a frente o tratamento dado pelos europeus aos orientais e aos africanos subsaarianos. Os primeiros eram homens com uma cultura firmada e desenvolvida, os segundos eram tratados como primitivos. O próprio Williams percebe uma posição racista em grande parte da literatura do século XVIII, mas não inclui essa ideia entre as motivações da escravidão negra:

(...) concentrava-se no ‘negro nobre’, o príncipe injustamente capturado, superior a seus captores mesmo estando no cativeiro. Esse sentimentalismo, típico do século XVIII em geral, não raro trazia o capcioso implícito de que a escravidão do negro não nobre seria justificada.⁵

A ênfase do fator econômico na adoção da mão-de-obra escrava negra é fundamental no livro para derrubar a tese de que os brancos não conseguiam se adaptar ao trabalho no clima dos trópicos. Em Barbados, por exemplo, o sistema da servidão

⁴ WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, p. 34.

⁵ Ibid., p. 86.

branca funcionou relativamente bem durante muito tempo, porém os interesses mercantilistas na escravidão negra teriam forçado a substituição do branco pelo negro. Apesar de se tratar de uma tese bem fundamentada, ela se mostra incompleta, ao excluir por completo o fator racial como um das motivações para a adoção da escravidão negra nas Américas, pois, como já foi mencionado, havia sim, por parte da Europa, uma vituperação aos habitantes da África.

Em seu capítulo três, intitulado **O comércio triangular e o comércio Britânico**, o autor analisa a importância da colonização da América, tanto pelo viés do surgimento de novos mercados consumidores dos produtos europeus, como pela acumulação de capital que esse comércio permitiu dentro da Inglaterra.

No comércio marítimo triangular, a Inglaterra – bem como a França e a América colonial – fornecia o navio e os produtos de exportações; a África, a mercadoria humana; as fazendas, as matérias-primas coloniais. O navio negreiro saía da metrópole com uma carga de artigos manufaturados. Estes eram trocados com lucro por negros na costa da África, os quais eram vendidos nas fazendas com mais lucro, em troca de uma carga de produtos coloniais que seriam levados de volta ao país de partida. Aumentando o volume do tráfico, o comércio triangular foi suplementado, mas nunca suplantado, por um comércio direto entre a Inglaterra e as Índias Ocidentais, no qual as manufaturas de produção interna eram trocadas diretamente por produtos coloniais.⁶

O comércio triangular teria garantido o financiamento da indústria britânica como Eric Williams coloca mais a frente: “Os lucros obtidos forneceram um dos principais fluxos da acumulação do capital que, na Inglaterra, financiou a Revolução Industrial.”⁷ Tal afirmativa tornou-se lugar comum nos estudos sobre as transformações técnicas inglesas em meados do século XVIII.

Por meio da abordagem economicista, Eric Williams mostra que, ao contrário do que era escrito à sua época, a industrialização não representa um antagonismo completo ao colonialismo e ao sistema escravista. Foram justamente esses negócios que permitiram a acumulação de capital suficiente para financiar o desenvolvimento do capitalismo industrial. Como lembra Brogan, “Grandes bancos foram fundados, grandes negócios foram estabelecidos com base nos lucros do sistema escravista.”⁸

⁶ WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p. 90.

⁷ Ibid.

⁸ BROGAN, D. W. Prefácio. In: WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão**. Tradução de Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1975, p. 5.

É consenso dentro da historiografia que a acumulação de capital provinda do sistema escravista contribuiu para a chamada *Revolução Industrial*,⁹ entretanto, ao contrário do que Eric Williams afirma no seu livro, não foi substancial para a formação da indústria. Até mesmo porque as primeiras máquinas de fiar, baluartes da reforma técnicas, eram feitas pelos próprios artesões a baixos custos, não necessitando de grandes investimentos. Segundo Eric Hobsbawm:

Os novos inventos que o revolucionaram – a máquina de fiar, o tear movido a água, a fiadeira automática e, um pouco mais tarde, o tear a motor – eram suficientemente simples e baratos e se pagavam quase que imediatamente em termos de maior produção.¹⁰

Ainda segundo Eric Hobsbawm, a ligação entre o sistema escravista e a formação industrial inglesa provém do papel da América em fornecer matéria-prima para a indústria inglesa, pois algodão e escravidão andavam lado a lado:

O comércio colonial tinha criado a indústria algodoeira, e continuava a alimentá-la. No século XVIII ela se desenvolvera perto dos maiores portos coloniais: Bristol, Glasgow e, especialmente, Liverpool, o grande centro do comércio dos escravos. Cada fase deste comércio desumano, mas sempre em rápida expansão, a estimulava. De fato, durante todo o período de que trata este livro, a escravidão e o algodão marcharam juntos. (...) As plantações das Índias Ocidentais, onde os escravos eram arrebanhados, forneciam o grosso do algodão para a indústria britânica, e em troca os plantadores compravam tecidos de algodão de Manchester em apreciáveis quantidades. Até pouco antes da “partida”, quase o total das exportações de algodão da região de Lancashire viria a pagar sua dívida com a escravidão preservando-a; pois da década de 1790 as plantações escravagistas do sul dos Estados Unidos foram aumentadas e mantidas pelas insaciáveis e vertiginosas demandas das fábricas de Lancashire, às quais forneciam o grosso da sua produção de algodão bruto.¹¹

Outro ponto importante é aquele que versa sobre a independência das treze colônias americanas. Para Eric Williams, a quebra do monopólio comercial americano foi benéfico para a Inglaterra, significando um novo passo para a formação do capitalismo industrial britânico:

⁹ Tal terminologia, apesar de ser usual entre os historiadores, mostra-se cada vez mais inapropriada, visto que a ideia de uma revolução comporta uma mudança radical que se opera num curtíssimo espaço de tempo, o que não se compatibiliza com as transformações tecnológicas dos séculos XVIII e XIX.

¹⁰ HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. 12 ed. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 52.

¹¹ Ibid., p. 50.

A independência americana destruiu o sistema mercantil e lançou o antigo regime ao descrédito. Coincidindo com as fases iniciais da Revolução Industrial, ela fomentou aquela aversão crescente ao sistema colonial da qual Adam Smith se fazia porta-voz, e que se transformou numa verdadeira avalanche de denúncias no auge da época do livre-comércio.¹²

Há de se colocar que o monopólio tal como o autor o concebe nunca existiu. Os estudos atuais sobre os comércios intercoloniais e intracoloniais mostram que a metrópole, apesar de criar mecanismos que freassem tais manifestações, não conseguia e nem poderia evitar que os intercâmbios comerciais acontecessem à sua revelia. Para um comércio que se achava no auge, é difícil corroborar com a tese de Eric Williams de que a quebra do monopólio com as colônias americanas contribuiu economicamente para a ascensão da Inglaterra industrial.

A economia determinou o surgimento do colonialismo e, da mesma forma, decretou seu fim no momento em que o monopólio comercial e a mão-de-obra escrava negra já não eram compatíveis com a nova direção econômica britânica: a era do capital industrial. Ou seja, para Eric Williams, a abolição do tráfico pela Inglaterra ocorreu devido ao interesse do capitalismo industrial.

Com sua visão economicista, Williams exclui de sua análise a própria mudança social que se efetuava no mundo. Seymour Drescher, a partir do livro **Econocide** publicado em 1977, passa a defender a rentabilidade do tráfico em consonância com a industrialização britânica, além de expor outras motivações, como a formação de um pensamento liberal em que a única relação aceitável é a contratual.

Drescher tem defendido por inúmeras vezes que a abolição do tráfico de escravos e da escravidão não foi resultado do declínio econômico no Caribe britânico advindo da ascensão do capitalismo industrial, mas o que ele denomina 'econocídio', ou seja, um suicídio econômico uma vez que a escravidão continuava a ser extremamente lucrativa. De acordo com Drescher, a escravidão sucumbiu sob o peso de uma campanha de massiva mobilização na Inglaterra fundada nos direitos do indivíduo e em novas formas de organização política.¹³

¹² WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e escravidão**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p. 175.

¹³ Texto original: Drescher has consistently argued that the abolition of the slave trade and slavery was not the result of British Caribbean economic decline with the rise of industrial capitalism, but what he terms "econocide," economic suicide as slavery remained extremely profitable. According to Drescher, slavery fell under the weight of a massive mobilization campaign in Britain founded on individual rights and new forms of political organizations. A tradução é de Berttoni Cláudio Licarião (Mestre em Literatura pela UFMG). In: CARRINGTON, Selwyn H. H. **The Sugar Industry and the Abolition of the Slave Trade, 1775-1810**. Gainesville: University Press of Florida, 2002. Disponível em: <http://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=8918>. Acesso em: 10 Abr. 2010. s. p.

Apesar de algumas discussões se encontrarem bastante datadas, Eric Williams discute pontos importantes sobre o sistema colonial, como a importância da expansão territorial nas sociedades escravistas. Quando há o esgotamento do solo é preferível cultivar um novo terreno do que recompor o usado. Apesar de centrar sua abordagem no colonialismo britânico, tal hipótese pode ser estendida à colonização espanhola e portuguesa. De acordo com Rubens Barboza Filho:

(...) os ibéricos se empenharam em desenvolver, ao longo de quase um milênio, uma variante civilizacional do Ocidente que tinha no espaço—metageograficamente entendido—a sua categoria básica fundante. Durante séculos, eles se movimentaram animados por uma fome insaciável de espaço, de novos territórios, consolidando o territorialismo como determinação intrínseca de suas formas de vida.¹⁴

Ademais, como todo documento histórico, o trabalho historiográfico deve ser contextualizado. A contribuição de Eric Williams para os estudos históricos se mostra no momento em que ele rompe com uma historiografia que pregava a abolição da escravidão e do tráfico como pura benevolência britânica e começa a expor os interesses econômicos que existiram por detrás dessas ações. Proclamá-lo como *datado* – alguns historiadores chegam a usar de forma acusatória essa expressão – é expor o óbvio, pois o tempo não para, deixando para trás tudo o que o universo produz.

Desconsiderar as análises feitas por Eric Williams em seu livro **Capitalismo e Escravidão** implica em ignorar o percurso de uma historiografia sobre a escravidão nas Américas. Deve-se conhecer e utilizar suas considerações, desde que estejam acompanhadas da devida crítica a que toda obra deve ser submetida. Através dessa eterna desconstrução do velho, a pesquisa historiográfica sempre será pertinente em espantar os dois principais males que assombram a História: o anacronismo e o esquecimento.

RESENHA RECEBIDA EM 25/07/14. PARECER DADO EM 26/10/14

¹⁴ FILHO, Rubem Barboza. **Tradição e artifício**: iberismo e barroco na formação americana. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000, p. 14.